



INTOLERÂNCIA E RACISMO EM PAUTA EM UMA PROPOSTA DE MULTILETRAMENTOS

INTOLERANCE AND RACISM ON SCHEDULE IN MULTILITERACIES PROPOSAL

Klauber Franco de Souza¹
Simone Azevedo Floripi²

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar uma discussão em torno de temas como intolerância e racismo na aplicação de uma proposta de multiletramentos com estudantes de uma escola pública do Distrito Federal. Na primeira parte, tecemos considerações sobre os multiletramentos, sobre a abordagem sociodiscursiva de gênero e sobre a entrevista radiofônica. Para isso, recorremos a Rojo (2012), Bakhtin (1997) e Araújo (2013). Na segunda, descrevemos o caminho trilhado desde a decisão dos temas até a produção de entrevistas para a rádio escolar. Os resultados revelam que contribuímos para promover os multiletramentos e que fomentamos o protagonismo dos participantes.

Palavras-chave: Multiletramentos. Entrevista radiofônica. Intolerância. Racismo.

Abstract: This article aims to present the issue about themes like intolerance and racism in the application of a proposal of multiliteracies applied with students of a public school in the Federal District. In the first part, we talk about considerations about multiliteracies, a socio-discursive approach to genre and radio interview. In this regard, we turned to Rojo (2012), Bakhtin (1997), and Araújo (2013). In the second part, we described the way did since the decision of the themes until the production of interviews to a school radio. The results reveal that we contribute to promote the multiliteracies and we encourage the protagonism of the participants.

Keywords: Multiliteracies. Radio interview. Intolerance. Racism.

¹ Possui mestrado pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia (2018). Atualmente é professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: klauber8@gmail.com

²² Possui pós-doutorado em Linguística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2014). Atualmente é professora da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: simone.floripi@gmail.com

Introdução

Apesar de o mundo contemporâneo ser marcado pela multiculturalidade, as relações com a diversidade cultural e com o outro nem sempre são pacíficas e amistosas, sendo, muitas vezes, marcadas por conflitos e pela intolerância.

As exclusões, as discriminações, as intolerâncias, os racismos são construções históricas que precisam ser desconstruídas com urgência. Assim como afirma Piovesan (2005, p. 44), é preciso adotar medidas para romper com a herança histórica de exclusão étnico-racial do mundo contemporâneo. Nesse sentido, esses problemas, presentes no nosso dia a dia, não podem ser negligenciados e precisam ser discutidos em todos os lugares.

Os membros do Grupo de Nova Londres também percebiam essa necessidade e acreditavam ser necessário realizar um trabalho dessas questões na escola para que a violência não aumentasse e elaboraram, em 1996, o manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* que, entre outros aspectos, chamava a atenção sobre a necessidade de as instituições de ensino tomarem como sua responsabilidade a reflexão sobre a diversidade cultural (ROJO, 2012, p. 12).

Na instituição, em que a pesquisa foi realizada, ocorriam com frequência casos de intolerância que se manifestavam em situações de preconceito, discriminação, racismo, bullying e de cyberbullying. Por acreditarmos na potencialidade de um projeto de entrevista radiofônica, realizamos programas sobre temas relacionados à intolerância com o objetivo de promover a discussão na escola. Nosso objetivo ao abordar essas temáticas não era o de resolver esses problemas, mas o de promover a reflexão, colocando esses assuntos na pauta do dia.

Ademais, para atender aos estudantes da contemporaneidade e ajudar no seu desenvolvimento pleno como cidadãos críticos e participativos, a escola precisa mudar. Dessa maneira, são necessárias novas formas de ensino e aprendizagem; e a rádio escolar é uma das muitas possibilidades que contribui para essa renovação, pois pode ser um potente instrumento para o ensino de atividades de leitura e de produção textual direcionadas a questões relevantes que envolvem a vida em sociedade.

Nesse sentido, a rádio no ambiente escolar também pode ser um meio para a promoção dos multiletramentos³. Isso porque, com esse veículo de comunicação é possível levar em conta, em práticas de leitura e de escrita, as multissemióticas, a multiculturalidade e ainda integrar tecnologias da informação e da comunicação ao conteúdo.

Deste modo, ao ter contato com o gênero entrevista radiofônica, sobretudo, ao executar a produção dos programas, os estudantes podem se apropriar de práticas de leitura, de escrita e de expressão oral. Ao mesmo tempo, as pautas e os programas produzidos podem respeitar a multiculturalidade da comunidade escolar. Além disso, ao realizar um programa, os participantes podem ter contato com uma multiplicidade de linguagens e mídias.

Na nossa proposta de multiletramentos, a intolerância e o racismo foram destacados em diversos momentos: na discussão sobre os problemas da escola; nos exemplares de entrevista explorados; na reunião de pauta; e na produção e transmissão de programas de entrevista. Em resumo, foram observados no colégio e colocados em discussão.

Estruturamos este estudo em duas partes. Na primeira, apresentamos a nossa fundamentação teórica. Discorremos sobre os multiletramentos, expomos, assim, o manifesto, o conceito e os princípios que os envolvem. Em seguida, tratamos da abordagem sociodiscursiva dos gêneros, a qual nos filiamos, para propor as atividades com a entrevista radiofônica. Por último, buscamos refletir sobre a entrevista radiofônica e abordamos as suas especificidades.

Na segunda parte, descrevemos as etapas que compuseram a nossa proposta de multiletramentos. Desde a negociação dos temas até a produção, gravação, edição e transmissão dos programas realizados pelos estudantes. Por último, tecemos as nossas considerações finais, apresentando uma reflexão sobre a entrevista produzida pelos participantes sobre intolerância e fazendo uma breve análise da nossa proposta de multiletramentos.

Multiletramentos e produção radiofônica

Nesta seção, discorremos inicialmente sobre a pedagogia dos multiletramentos. Para isso, embasamo-nos em Rojo (2012) e tecemos

³ De acordo com Rojo (2012, p. 13), os multiletramentos abrangem a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos.

algumas considerações sobre o manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* (Uma pedagogia dos multiletramentos - desenhando futuros sociais), sobre o conceito de multiletramentos e sobre os princípios necessários para a condução dessa pedagogia. Em seguida, discorreremos sobre a abordagem Sociodiscursiva de Bakhtin (1997), a qual nos filiamos para elaborar as atividades com o gênero. Por último, abordamos as especificidades da entrevista radiofônica. Para isso, recorremos às ideias de Prado (1989), Araújo (2013), Farneda (2007) e Westphalen (2006).

A multiplicidade de culturas está presente nas escolas do mundo contemporâneo. Nesse ambiente, muitas vezes, as relações são marcadas pela intolerância na convivência com a diversidade cultural e com o outro. A partir de constatações como essa, foi elaborado, em 1996, o manifesto *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures*, fruto de um colóquio do Grupo de Nova Londres (doravante GNL). Esse documento alertava sobre a necessidade de a escola tomar como sua responsabilidade a incorporação, a discussão e a reflexão sobre os novos letramentos e a diversidade cultural nos currículos.

Os membros do GNL percebiam essa necessidade, pois eram, em sua maioria, provenientes de nações em que o conflito cultural estava presente em atitudes de intolerância, em confronto entre gangues, massacres e perseguições. Nesse sentido, acreditavam ser necessário realizar um trabalho dessas questões na escola para que a violência não aumentasse (ROJO, 2012, p. 12).

Problemas assim são cada vez mais visíveis nas instituições de ensino. E os seus integrantes não podem passar por eles como se nada estivesse acontecendo, sendo necessárias intervenções para que essa intolerância seja amenizada. Nesse sentido, acreditamos que um projeto de entrevista radiofônica é um instrumento potente para atingir essa finalidade, pois podem ser realizados programas sobre temas que estejam relacionados à intolerância no convívio com o outro e com a sua diversidade cultural a fim de promover o respeito e a tolerância na escola e no bairro.

O manifesto elaborado pelo GNL propunha uma pedagogia dos multiletramentos. Mas, afinal, o que são multiletramentos? O conceito desse termo, conforme Rojo (2012, p. 13), aponta para a multiculturalidade e para a pluralidade de linguagens e mídias envolvidas na criação e significação dos textos.

Tanto no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos quanto no sentido da diversidade de linguagens que os

constituem, Rojo (2012, p. 23) afirma que os estudos realizados apontam que os multiletramentos são: interativos, mais do que isso colaborativos; fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, sobretudo as de propriedade; e são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Nessa perspectiva, a rádio no ambiente escolar pode ser um meio para a promoção dos multiletramentos, pois além de possibilitar a apropriação de práticas de leitura, escrita e produção textual, incorporando-as às práticas sociais; permite conhecer, interpretar e refletir sobre uma multiplicidade cultural e trabalhar com uma multiplicidade de linguagens e mídias envolvidas nos textos.

Alguns princípios elaborados em 1996 pelo GNL apresentam um caminho que pode ajudar na condução de uma pedagogia para os multiletramentos, corroborando para que as pessoas se desenvolvam como usuários funcionais, criadores de sentidos, analistas críticos e como agentes transformadores. No quadro a seguir, apresentamos a configuração desses princípios.

Quadro 1: Mapa dos Multiletramentos

Usuário funcional • Competência técnica • Conhecimento prático	Criador de sentidos • Entende como diferentes tipos de texto e de tecnologias operam
Analista crítico • Entende que tudo que é dito e estudado é fruto de seleção prévia	Transformador • Usa o que foi aprendido de novos modos

Fonte: adaptado de DECS e UniSA (2006 apud Rojo, 2012, p. 29).

Como podemos observar no Mapa dos Multiletramentos, colaborar para o desenvolvimento do educando, enquanto usuário funcional, é auxiliá-lo para que adquira a competência técnica, isto é, saiba fazer. Nessa perspectiva, esse desenvolver-se deve estar voltado para que os estudantes possam tornar-se criadores de sentidos, entendendo como atuam diferentes textos e tecnologias. Além disso, a prática dos multiletramentos exige que os aprendizes se tornem analistas críticos, sendo capazes de entender que tudo o que é dito e estudado é fruto de seleção prévia; e sejam agentes transformadores, dando novos sentidos aos discursos e às significações (ROJO, 2012, p. 29).

Outro pressuposto teórico que buscamos discorrer refere-se à abordagem sociodiscursiva dos gêneros de Bakhtin (1997). Fizemos isso,

dialogando com o pensamento de Rodrigues (2005). Essa perspectiva está refletida na nossa proposta de multiletramentos, sobretudo, nas atividades que elaboramos para a apropriação da entrevista e dos seus traços constituintes.

Bakhtin (1997, p. 279) afirma que qualquer enunciado isoladamente é individual, mas que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que indica ser os gêneros do discurso. Ainda de acordo com ele, a língua é utilizada em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que provêm dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. O autor destaca 3 elementos que constituem indissolivelmente os enunciados.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Como o autor afirma, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão profundamente relacionados e não deveriam ser dissociados. Nas atividades que elaboramos para a análise de cada entrevista, procuramos explorar cada um desses aspectos do gênero.

Conforme indica Bakhtin (1997, p. 284), o gênero é um tipo de enunciado que apresenta-se de modo relativamente estável em relação ao seu conteúdo temático, à sua construção composicional e ao seu estilo verbal. Para que os estudantes pudessem perceber esse caráter relativamente estável do gênero, selecionamos diferentes exemplares de entrevistas que foram analisadas nessa perspectiva.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 163-164), a mesma natureza dos enunciados (natureza social, discursiva e dialógica) é atribuída por Bakhtin aos gêneros, tomando-os como tipos históricos. A autora destaca que a noção de gênero de Bakhtin contempla "uma tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes".

Discutindo as ideias de Bakhtin, Rodrigues (2005, p. 164) ressalta que o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação. Afirma que os gêneros correspondem a situações de interação verbal típicas (mais ou menos estabilizadas e normativas), estando vinculados a uma situação social de interação, dentro de uma esfera social, tendo uma finalidade discursiva e sua própria concepção de autor e destinatário.

Segundo Bakhtin (1997, p. 290), os interlocutores são compelidos a posicionar-se por meio de um ato individual e responsável em relação a tudo que não é eu e em relação ao outro.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Bakhtin defende que na interação tem de haver uma atitude responsiva ativa. E essa ideia tem permeado os estudos que levam em conta o social e o discursivo.

O último pressuposto teórico que buscamos discurrir, neste artigo, refere-se ao gênero discursivo entrevista radiofônica. Nesse sentido, sabemos que existe um formato ou gênero que recebe o nome de entrevista jornalística e que, de acordo com sua difusão em suporte papel ou por meios eletrônicos, é escrita, televisiva ou radiofônica (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p. 28). A partir dessas constatações, podemos observar que a entrevista radiofônica é um dos diferentes tipos de entrevista que pertencem à esfera jornalística e que se define como gênero por meio do seu suporte.

Nessa perspectiva, o rádio, como afirma Araújo (2013, p.8), não modifica o sentido dos textos que são veiculados nele, no entanto define os gêneros. Segundo o autor, o rádio é um suporte virtual convencional. Nele, não há as imagens da televisão nem é possível fazer releituras como no jornal impresso. Esses traços, ausentes no rádio, fazem com que a entrevista radiofônica se diferencie das entrevistas difundidas por outros suportes do mesmo domínio discursivo.

Na entrevista, o diálogo, segundo Araújo (2013, p.9), possui um modo bem definido e conhecido por seus participantes e é instaurado,

geralmente, por dois atores, cujas funções estão bem determinadas: um que domina o tema da entrevista e outro que conduz o debate, tentando descobrir novas informações por meio de suas perguntas. Na entrevista radiofônica, esse diálogo adquire um caráter público, pois é construído essencialmente com o intuito de propagar uma informação e, atender as necessidades que o ouvinte tem por determinado assunto.

Com diretrizes teóricas semelhantes, Farneda (2007, p.2) afirma que a entrevista radiofônica é um gênero jornalístico em que o entrevistador procura levar o entrevistado a responder sobre diferentes aspectos de uma questão, transmitindo essas informações recebidas ao público. É importante perceber que o gênero contém um caráter estruturado e formal, cujo objetivo é atender as expectativas do ouvinte.

A partir do que foi exposto nas definições de Araújo (2013) e Farneda (2007), podemos constatar que, ao usar o termo entrevista radiofônica, estamos nos referindo ao processo ou ao produto do diálogo entre duas ou mais pessoas, transmitido pelo rádio, em que o(s) entrevistador(es) faz(em) perguntas ao(s) entrevistado(s), e que geralmente procura(m) abordar informações de interesse para o seu público ouvinte. Processo ou produto, porque a conversa entre entrevistador e entrevistado, no momento em que ocorre, é entrevista, da mesma forma como o seu resultado, ou seja, o produto transmitido pelo rádio.

A estrutura do gênero, conforme Baltar (2012, p. 98), em todos os tipos de entrevista, permanece praticamente a mesma: abertura, fase de perguntas e respostas e encerramento. De acordo com ele, os itens modificados são o tema, a duração e o ritmo de cada parte.

No que se refere à entrevista radiofônica, tanto a abertura quanto o encerramento são realizados pelo entrevistador (GREATBATCH, 1988 apud FARNEDA, 2007, p. 2). Esses dois elementos essenciais da estrutura do gênero, segundo Prado (1989, p. 67-68), devem ser breves.

Dependendo do tipo e da finalidade da entrevista, a abertura poderá conter elementos como: uma saudação entre entrevistador e entrevistado (STEWART; CASH, 2015) e uma saudação unilateral⁴ deles com os ouvintes; uma apresentação do entrevistado e do entrevistador (BALTAR, 2012, p. 98); uma breve apresentação do tema e uma justificativa do motivo da entrevista (BALTAR, 2012, p. 98); entre outros elementos.

⁴ Denominamos de saudação unilateral em consonância com Prado (1989, p 58) que identifica o fluxo comunicativo do diálogo de entrevistado e entrevistador, quando não há a participação dos ouvintes, como unidirecional.

Os aspectos supracitados podem aparecer ou não na abertura da entrevista. Nessa parte da estrutura do gênero, alguns elementos parecem ser estáveis e outros, relativamente estáveis (BAKHTIN, 1997, p. 279). Deste modo, o gênero exige a apresentação do entrevistado e do assunto para que os ouvintes possam compreender o que estão acompanhando e quem está sendo entrevistado, exige também a saudação inicial entre entrevistado e entrevistador. Já outros elementos são facultativos; nesse sentido, não é sempre que o entrevistado e o entrevistador se lembram de fazer uma saudação ao ouvinte, da mesma forma como não é sempre que o entrevistador se apresenta, conforme pudemos observar nos exemplares transcritos⁵ para a aplicação da nossa proposta de ensino.

O núcleo da entrevista, segundo Baltar (2012, p. 98), está na fase de perguntas e respostas, pois é nela que pode ocorrer o diálogo. De acordo com Prado (1989, p. 62-67), as perguntas devem suceder-se logicamente; pode-se repetir com frequência o nome do entrevistado, com o objetivo de identificá-lo e de apresentá-lo às pessoas que vão ligando o rádio; e o entrevistador deve fazer perguntas claras, curtas e precisas para lograr respostas exatas. Nessa etapa da estrutura do gênero, encontramos também alguns elementos obrigatórios e outros facultativos. Assim, a fase de perguntas e respostas exige que os questionamentos sejam realizados pelos entrevistadores e que terminem por uma interrogativa, exige também que o entrevistado dê apenas as respostas (GREATBATCH, 1988 apud FARNEDA, 2007, p. 2). No entanto, é facultativo que o entrevistador apresente o entrevistado mais de uma vez aos ouvintes.

Já o encerramento deve ser breve e o seu efeito pode ser o da redundância, no qual podem ser destacados os aspectos mais importantes da entrevista (PRADO, 1989, p. 63). Diferentes elementos podem entrar em sua composição: a repetição do nome do entrevistado e do tema abordado (PRADO, 1989, p. 67); uma concisa recapitulação dos assuntos abordados na entrevista (BALTAR, 2012, p. 98); a repetição de aspectos da última resposta (PRADO, 1989, p. 63); um breve agradecimento à fonte e ao público (BALTAR, 2012, p. 98); a despedida entre entrevistador e entrevistado, e a despedida unilateral deles com os ouvintes⁶.

⁵ Os exemplares citados podem ser consultados em <https://www.tumblr.com/blog/arquivosradiointeracao>.

⁶ Apesar de não termos encontrado sugestões teóricas semelhantes, acreditamos que a despedida aos ouvintes seja importante para que ocorra uma aproximação com o público. Essa despedida é unilateral, quando não se tem a participação do ouvinte.

Como na entrevista radiofônica há a presença direta de pelo menos duas vozes, Araújo (2013, p. 11) alerta que o estudo de sua construção composicional precisa avaliar a maneira como, formalmente, o diálogo está estruturado nessa interação verbal. Nessa perspectiva, a entrevista radiofônica tem o seguinte formato:

Quadro 2: Formato da entrevista radiofônica

1. Pré-alocação dos turnos: entrevistador e entrevistado ocupam posições assimétricas.
2. O participante deve respeitar a agenda de perguntas previstas pelo jornalista.
3. Os turnos de perguntas devem sempre terminar por uma interrogativa.
4. O entrevistado dá apenas as respostas.
5. O entrevistador não formula expressões de ratificação, opinião ou comentário, abstendo-se de formar opinião, contra ou a favor do entrevistado;
6. A abertura e o fechamento da entrevista devem ser feitos pelo entrevistador.
7. A entrevista tem de passar a ideia de neutralidade, pois o interessado é o público.

Fonte: Greatbatch (1988) apud Farneda (2007, p. 2).

O conteúdo temático das entrevistas radiofônicas está relacionado à rotina produtiva dos jornalistas. Nessa rotina, segundo Wolf (2003, p. 190-196), existe um conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher dentre um número indefinido de fatos, uma quantidade finita para serem noticiados. Nesse meio, existem valores/notícia, ou seja, critérios de seleção que funcionam como linhas-guia para a definição do que deve ter visibilidade por meio da mídia.

Para Wolf (2003, p. 195-196), os critérios de relevância, espalhados ao longo de todo o processo de produção, trabalham conjuntamente na escolha dos fatos a serem convertidos em notícias. Nesse sentido, é importante saber que são as diferentes relações e combinações que se estabelecem entre diferentes valores/notícias que conduzem à seleção de um fato.

Conforme Wolf (2003, p. 200), a importância da notícia é determinada por quatro variáveis: o grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; o impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; e a relevância e significância do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação.

Em relação ao estilo verbal, Araújo (2013, p. 14) garante haver o predomínio das formas pronominais de primeira e de segunda pessoas do singular. O autor conclui que isso é uma manifestação evidente da situação

discursiva do gênero, em que duas pessoas estão em diálogo direto, e também da tendência de aproximar-se do uso menos monitorado e espontâneo da língua.

Apesar disso, Araújo (2013, p. 15) alerta que é preciso considerar que, na entrevista radiofônica, os interlocutores são sensíveis à realidade linguística estabelecida no gênero, tendendo a ater-se mais ao modo como falam. O autor adverte que dentro dos grupos de marcadores conversacionais da entrevista radiofônica podem ser encontrados traços que apontam para um monitoramento linguístico, tais como, repetições de palavras ou grupo de palavras; e também pausas na fala.

O texto radiofônico, conforme Poletto (2003, p. 18) apud Westphalen (2006, p. 63), é produzido a pelo menos duas mãos: locutor e ouvinte. Nesse sentido, se existe mudança no comportamento discursivo de um, existe reação no comportamento e na linguagem do outro. Ainda que silencioso, o papel do ouvinte pode alterar forma e conteúdo. Nessa perspectiva, é possível perceber que a programação de uma rádio é arquitetada a partir do receptor pressuposto. A linguagem, os temas discutidos, até mesmo o modo de se comunicar dependem, essencialmente, do público-alvo.

Quanto ao estilo verbal, a entrevista radiofônica pode apresentar ser mais ou menos monitorada. O público, o entrevistado, o tema são alguns elementos do gênero que podem levar à essa variação. O estilo depende assim da situação comunicativa que envolve a entrevista.

A produção radiofônica como intervenção pedagógica

Nesta seção, apresentamos a nossa proposta de multiletramentos e indicamos materiais didáticos necessários à produção, gravação e edição de um programa radiofônico de entrevista. Nas ações propostas, os exercícios indicados são alternativas de trabalho para outros docentes, principalmente, no que se refere ao ensino da entrevista radiofônica.

Nesse sentido, para a elaboração das atividades com esse gênero destinadas a estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, escolhemos um aporte teórico condizente com os objetivos que pretendíamos alcançar e nos filiamos à abordagem sociodiscursiva na perspectiva de Bakhtin (1997). Dentro desse viés, ao trabalharmos com os exemplares, procuramos explorar o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional das entrevistas radiofônicas.

Contudo, as ações apresentadas não se limitaram às atividades que visavam à apropriação do gênero pelos aprendizes. Além desses exercícios, detalhamos o planejamento: para a produção, a gravação, a edição e a transmissão da entrevista radiofônica; e para o domínio de ferramentas de edição de áudio.

A proposta de multiletramentos, desenvolvida nesta pesquisa, foi realizada com dez estudantes regularmente matriculados no Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal. Inicialmente, buscamos conhecer os problemas que envolviam a comunidade escolar e os temas que interessavam aos estudantes e que gostariam de ouvir em um programa de entrevista.

Como problemas foram mencionados: os assaltos e os furtos; a violência; a falta de infraestrutura; o preconceito e a intolerância; e os desentendimentos e brigas. Já como temas que lhes interessavam: a reforma do Ensino Médio; o preconceito contra os LGBT; o racismo; a intolerância religiosa; e temas da área política e cultural.

A partir dos dados gerados nessa etapa, decidimos as temáticas dos exemplares de entrevista que seriam usados no projeto: as raízes intolerância, a intolerância religiosa e o racismo.

Esse levantamento, além de servir para a escolha dos exemplares a serem usados no projeto, foi usado também como um dos elementos norteadores nas reuniões de pauta para a escolha dos temas das entrevistas a serem produzidas.

Em seguida, realizamos um trabalho comparativo com vários exemplares⁷ que foram escutados e entregues, em formato impresso⁸, aos estudantes. Como nós nos filiamos à abordagem sociodiscursiva, procuramos realizar um trabalho com os elementos constituintes do gênero definidos por Bakhtin (1997). Nesse sentido, as atividades propostas foram compostas por questionamentos que ajudaram a perceber o caráter relativamente estável das entrevistas.

Para responder as perguntas, usamos a estratégia de um jogo entre equipes. O desafio do jogo era levar os estudantes a produzirem respostas válidas para os questionamentos propostos. Essa atividade possibilitou aos

⁷ Os áudios das entrevistas estão disponíveis em:

<<http://radios.ebc.com.br/reporter-rio/edicao/2016-11/caminhos-para-combater-intolerancia-religiosa-no-brasil>>

<<https://soundcloud.com/wolf-fedro/entrevista-sobre-o-livro-raizes-da-intolerancia-radio-mec-programa-todas-as-vozes-15>>

<<http://radios.ebc.com.br/revista-brasil/2017/08/especialista-fala-sobre-o-racismo>>.

⁸ As transcrições das entrevistas podem ser consultadas em: <https://www.tumblr.com/blog/arquivosradiointeracao>.

educandos interagirem bastante, levando-os a dialogarem e a discutirem as suas ideias. A seguir, apresentamos os questionamentos realizados:

Quadro 3: Questionamentos propostos

1.	Qual é o assunto principal da entrevista?
2.	Por qual razão essa entrevista foi produzida?
3.	Quem é o (a) entrevistado(a)? Qual é o cargo ou a profissão que ele(a) ocupa? Há relação entre o assunto da entrevista e o cargo ou a profissão ocupada?
4.	A qual público o tema da entrevista pode atrair?
5.	O(A) entrevistado(a) emite alguma opinião/posição sobre o assunto? Em caso positivo, qual opinião/posição assumida?
6.	E o(a) entrevistador(a) emite alguma opinião/posição sobre o assunto? Em caso positivo, qual opinião/posição assumida?
7.	O assunto em questão está sendo discutido atualmente na mídia? Justifique.
8.	O(A) entrevistador(a) faz a apresentação do entrevistado e do tema na abertura da entrevista? Como ele(a) faz isso? Essa informação é dispensável ou não para a compreensão dos ouvintes?
9.	Há cumprimentos na abertura da entrevista entre entrevistador(a), entrevistado(a) e ouvintes? Em caso positivo, como isso é realizado?
10.	Geralmente, o entrevistador prepara um roteiro de perguntas. Entretanto, dependendo das respostas, ele pode improvisar e fazer perguntas que não estão no roteiro. Você acredita que isso ocorreu nessas entrevistas? Se sim, em que parte?
11.	O(A) entrevistador(a) apresenta o(a) entrevistado(a) mais de uma vez aos ouvintes? Por qual razão essa repetição é necessária?
12.	O(A) entrevistador(a) faz uma pergunta ou encadeia várias por vez? O que parece ser melhor para o entrevistado e para o ouvinte?
13.	O(A) entrevistador(a) faz um fechamento da entrevista? Como ele(a) a conclui?
14.	No encerramento, há agradecimentos e despedidas entre entrevistador(a), entrevistado(a) e ouvintes?
15.	Observe e cite algumas marcas da linguagem oral: a) repetições; b) pausas; c) palavras e frases cortadas.

Fonte: elaborado pelos pesquisadores.

Ao começarmos o jogo, percebemos que algumas questões foram respondidas com mais facilidade, como o questionamento sobre o assunto principal e também aquele sobre a relação entre o assunto da entrevista e o cargo ou a profissão ocupada pelo entrevistado.

A questão que buscou sondar os possíveis públicos das entrevistas permitia formular muitas respostas e aceitamos, quando eram identificados pelo menos um. No entanto, buscamos oralmente completá-las por meio de construções coletivas com os estudantes.

Notamos que os educandos encontraram mais dificuldades para responder as questões que demandavam a identificação da opinião ou

posição assumida pelo entrevistado e pelo entrevistador. Entretanto, por meio de nossas intervenções, conseguiram perceber isso.

Os jovens não responderam imediatamente a pergunta que exigia que eles percebessem se o assunto das entrevistas estava ou não sendo discutido atualmente na mídia. Como estávamos no laboratório de informática, solicitamos que, em duplas, fizessem uma busca avançada no *Google* sobre o assunto, com o filtro no período de um mês, para que observassem aquilo. A maioria não sabia fazer isso, por isso, foi necessário explicar passo a passo aos aprendizes como proceder. A partir da pesquisa, perceberam que os assuntos estavam na agenda dos veículos de comunicação.

O trabalho comparativo permitiu que os estudantes pudessem observar alguns elementos que parecem ser estáveis e outros que são relativamente estáveis (BAKHTIN, 1997, p. 279). Deste modo, puderam perceber a exigência da apresentação do entrevistado e do assunto para a compreensão dos ouvintes daquilo que estão acompanhando e da saudação entre entrevistado e entrevistador na abertura de todas as entrevistas. Puderam entender também que não é sempre que o entrevistado e o entrevistador lembram de fazer uma saudação ao ouvinte, assim como não é sempre que o entrevistador se lembra de apresentar o entrevistado mais de uma vez aos ouvintes.

Os questionamentos que demandavam do estudante que observasse se o entrevistador fazia uma pergunta por vez e o outro que buscava perceber a maneira que ele fechava a entrevista foram respondidos por eles com mais facilidade graças à ajuda das transcrições.

Agora a pergunta que ofereceu mais dificuldade aos educandos para ser respondida foi sobre o imprevisto e a capacidade de fazer perguntas que não estão no roteiro. Eles sentiram dificuldades em encontrar marcas no texto que pudessem exemplificar a improvisação. Contudo, conseguiram identificar algumas situações.

Na última atividade, solicitamos aos jovens que procurassem marcas da linguagem oral: repetições, pausas, palavras e frases cortadas. A fidelidade das transcrições ao áudio contribuiu bastante para auxiliar os estudantes na identificação dessas marcas.

Na semana anterior à reunião de pauta, os estudantes procuraram receber sugestões de temas com colegas, professores e outros funcionários da escola. Após a realização dessa ação, debatemos as pautas das entrevistas para a produção final.

Inicialmente, perguntamos aos educandos quais temas foram sugeridos pelos colegas, professores e demais membros da comunidade escolar. Segundo eles, os companheiros de escola e os docentes indicaram abordar o bullying, a homofobia, o racismo e o suicídio.

Nessa reunião de pauta, conseguimos definir os temas, os objetivos, as palavras-chave e alguns entrevistados. Entre os temas, decidimos realizar uma entrevista sobre intolerância. Essa produção foi planejada com os seguintes propósitos: debater o problema e conscientizar os jovens sobre as consequências de atitudes intolerantes; combater o bullying, o cyberbullying, o preconceito e o racismo; e divulgar iniciativas ou projetos que buscam combater a intolerância.

Por meio do *Andacity*, é possível realizar tarefas de produção de áudio, como gravar, editar, aplicar efeitos, misturar pistas, converter arquivos de áudio em diferentes formatos.

Com o objetivo de compartilhar conhecimentos sobre o *software*, realizamos uma oficina no laboratório de informática que tentou conduzir os estudantes a conhecerem as ferramentas e os recursos do programa e a realizarem a edição e a aplicação de alguns efeitos. Ao mesmo tempo em que eram expostos às ferramentas e às funcionalidades, iam testando o que estavam aprendendo.

Na sequência, inicialmente, realizamos atividades de produção, isto é, definimos entrevistados, fizemos o convite, agendamos e decidimos juntamente com a fonte de informação a forma como a entrevista seria gravada.

O próximo passo foi a gravação dos programas. Para esse momento, os recursos necessários à gravação foram providenciados. Com esse objetivo, usamos gravadores e celulares.

A partir dos conhecimentos aprendidos na oficina sobre o *software Andacity*, os estudantes realizaram a edição da entrevista. Esse trabalho foi realizado em duplas e necessitou de uma atenção individualizada, sendo supervisionado pelo professor.

Para a fase de transmissão, foi necessário ter o arquivo editado em um dispositivo móvel, um computador, caixas de som e os cabos necessários para fazer as conexões. Os programas foram transmitidos no intervalo da escola e foram avaliados pelos ouvintes.

Considerações finais

Sabemos que, nas escolas brasileiras, encontramos uma mistura de raças e culturas. Embora isso não seja uma novidade, passa o tempo todo despercebido ou ignorado. Essa indiferença tem se apresentado de diferentes formas: nas metodologias escolhidas, nos conteúdos selecionados, no currículo seguido, no relacionamento interpessoal.

As demandas sociais precisam ser contempladas nas metodologias, currículos, conteúdos escolares. É preciso promover experiências significativas com produções de distintas culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulem em ambientes digitais (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135).

Nesse sentido, propostas de ensino que busquem promover os multiletramentos são importantes, porque procuram respeitar a multiculturalidade e trabalham com a multimodalidade dos textos.

Para a construção deste estudo, baseamos-nos na pedagogia dos multiletramentos (ROJO, 2012), na abordagem sociodiscursiva de gênero (BAKHTIN, 1997), em orientações teórico-práticas da literatura jornalística (PRADO, 1989; dentre outros) e em estudos na área de linguística que envolvem a entrevista radiofônica (ARAÚJO, 2013; FARNEDA, 2007).

A proposta descrita, neste artigo, é um meio para a promoção dos multiletramentos, pois além de possibilitar a apropriação de práticas de leitura, escrita e produção textual; permitiu conhecer, interpretar e refletir sobre uma multiplicidade cultural e trabalhar com uma multiplicidade de linguagens e mídias envolvidas nos textos.

Por meio das ações desenvolvidas, os estudantes puderam conhecer a entrevista radiofônica e ferramentas de edição de áudio. Além disso, puderam intervir em problemas da comunidade escolar. Desenvolveram-se, assim, como usuários funcionais, criadores de sentido, analistas críticos e como agentes transformadores.

Com a aplicação das atividades, percebemos que os educandos tiveram avanços significativos. No que se refere à apropriação do gênero, como isso é algo que está intrínseco ao que o indivíduo construiu de conhecimento, é difícil fazer afirmações exatas. Entretanto, pelas observações das produções aplicadas ao longo da pesquisa, foi possível sinalizar algumas evoluções dos participantes no que se refere às especificidades do gênero. Com isso, entendemos que as atividades aplicadas contribuíram para que esse progresso fosse evidente.

Discutir e refletir sobre a intolerância é essencial nas sociedades do mundo contemporâneo, marcadas muitas vezes por relações intransigentes na convivência com o outro e com a diversidade cultural. Essa necessidade, percebida pelo GNL, também foi destacada pelos estudantes que, por meio de um programa de entrevista radiofônica, entrevistaram neste problema, promovendo o seu debate não só na sala de aula, mas também em todo o ambiente escolar.

Por meio do programa de rádio, os aprendizes não solucionaram os problemas de intolerância ocorridos na escola. No entanto, a temática foi colocada em evidência e em discussão. Assim, os participantes foram capazes de realizar uma intervenção em um problema que afetava a comunidade escolar, colocando a intolerância na pauta do dia.

Diante do que foi exposto, recomendamos o trabalho com o gênero entrevista radiofônica e indicamos o desenvolvimento da proposta apresentada e aplicada. Entretanto, cabe aos professores fazerem as adaptações que julgarem necessárias, conforme o contexto escolar vivido, antevendo ações que possam dar ou não certo a partir da leitura do planejamento descrito neste artigo.

As considerações apresentadas constituem-se como uma das possíveis leituras que podem ser feitas deste trabalho. Dessa forma, este estudo está aberto a novas leituras, novas significações e interpretações.

Referências

ARAÚJO, Leandro Silveira de. A entrevista radiofônica em espanhol: delimitações do gênero discursivo. In: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 14., 2013, Uberlândia. **Anais do SILEL**. Uberlândia: Edufu, 2013. v. 3, p. 1 - 16. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_724.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALTAR, Marcos Antonio Rocha. **Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático**. São Paulo: Cortez, 2012. 163 p.

FARNEDA, Eliete Sampaio. Perguntas e Respostas na Entrevista Radiofônica. **Revista Letra Magna: Revista Eletrônica Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, São Paulo, n. 6, p.1-18, 2007. Semestral. Disponível em:

<<http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

PÉREZ COTTEN, M.; TELLO, N. **La entrevista radial**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

PIOVESAN, Flavia. Ações Afirmativas sob a Perspectiva dos Direitos Humanos. In: SANTOS, Sales Augusto dos (Org.). **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: Unesco, 2005. p. 35-46.

PRADO, Emilio. **Estrutura Da Informação Radiofônica**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1989. 104 p.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROJO, Roxane H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: _____. ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 152 p.

STEWART, Charles; CASH, William. **Técnicas de entrevista: estruturação e dinâmica para entrevistados e entrevistadores**. 14. ed. Porto Alegre: Amgh, 2015. Tradução de Carolina Zanon e Cássia Zanon.

WESTPHALEN, Roberta Bilibio. **Entrevista radiofônica: um jogo enredado estudo de caso do programa Gaúcha Repórter**. 2006. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/67759153-Universidade-tuiuti-do-parana-roberta-bilibio-westphalen-entrevista-radiofonica-um-jogo-enredado-estudo-de-caso-do-programa-gaucha-reporter.html>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003. 271 p. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo.

Recebido: 15/03/2018

Aprovado: 30/04/2018